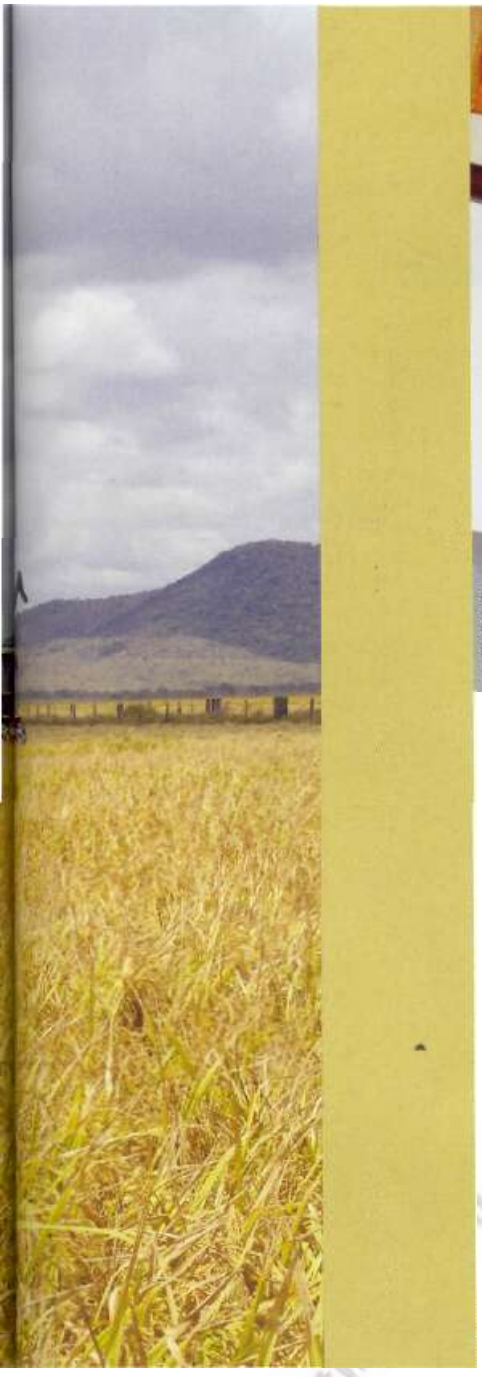
texto Aríosto Mesquita

CADÊ O ARROZ, O FEIJÃO E O TRIGO?

Sem subsídios e uma política agrícola bem definida, o estado do Mato Grosso do Sul viu sua produção agrícola de alimentos despencar nas últimas décadas

Um dos maiores produtores de alimentos do Brasil nos últimos 30 anos, o Mato Grosso do Sul, ao que tudo indica, vem deixando de priorizar alguns dos principais produtos consumidos pelo brasileiro. Outrora responsável por significativa parte do cultivo nacional de arroz, trigo e feijão, o estado viu as áreas plantadas com estas culturas despencarem ao longo dos anos, atingindo patamares hoje quase inócuos se comparados aos níveis anteriores. Os três produtos são culturalmente responsáveis pelas principais refeições do brasileiro: o café da manhã (pães, biscoitos e bolos) e almoço e jantar (o tradicional arroz com feijão).

O afastamento do governo brasileiro do controle de preços destes produtos, com a conseqüente ausência de subsídios e de uma política agrícola sólida e eficiente, é considerado o fator responsável pela queda na área plantada e na produção. "O Brasil sabe que precisa continuar comprando trigo da Argentina para, em contrapartida, poder vender geladeiras", comenta o vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul, Famasul, Eduardo Riedel, referindo-se



Eduardo Riedel, vice-presidente da Famasul: "A vontade de cultivar está no bolso do produtor"

à atual dependência brasileira da importação de 60% a 70% do trigo consumido no mercado interno.

Os números da queda vertiginosa na produção de alimentos impressionam. Há pouco mais de 20 anos - mais precisamente na safra 1986/87 -, o trigo chegou a ocupar uma área plantada próxima a 430 mil hectares no Mato Grosso do Sul, mas, na última safra, menos de 32 mil hectares foram cultivados. Nos anos 1970, o arroz se aproximou de um milhão de hectares plantados em terras sul-mato-grossenses. Na safra 1977/78, a Conab contabilizou 746,4 mil hectares plantados e, para a safra 2007/08, a previsão da Conab é de apenas 35,7 mil hectares. Com o feijão, a redução da área plantada não foi tão intensa, mas não menos significativa. De 34 mil hectares há 30 anos, deve atingir agora 16,9 mil hectares, segundo uma estimativa da Conab.

Algumas alternativas estão sendo buscadas para tentar reverter pelo menos parte deste quadro. O governo federal anunciou, em abril, um reajuste de 20% no preço mínimo do trigo, que deve entrar em vigor agora, no início do segundo semestre. Enquanto isso, o governo do Mato Grosso do *Sul* avalia a possibilidade de arcar com um aumento do subsídio ao prêmio do seguro agrícola, além de acenar com um estudo para elevar em 20% a área plantada de grãos.

Enquanto o arroz, feijão e trigo sentem os efeitos de preços inibidores, culturas hoje consideradas mais rentáveis avançam sobre as áreas produtivas sul-mato-grossenses. O milho safrinha, por exemplo, pulou de 100 mil hectares cultiváveis, na década de 1970, para mais de 800 mil hectares na última safra, impulsionado principalmente pela grande valorização obtida no mercado internacional em função de boa parte da produção norte-arnericana ter sido destinada para a produção de etanol.

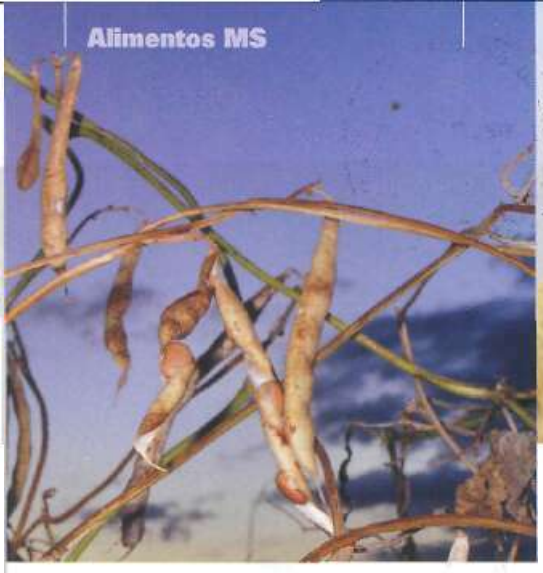
Também valorizada, a soja saiu de menos de 500 mil hectares há 10 anos para cerca de 1,7 milhão de hectares cultivados atualmente. Já a cana-de-açúcar - hoje a grande estrela ascendente da agricultura do Mato Grosso do Sul - não estaria, segundo a Conab, avançando sobre áreas de cultivo de grãos e sim sobre regiões de pastagens degradadas.

Arroz

Responsável pela abertura da fronteira agrícola e de espaço para a pecuária no Mato Grosso do Sul nos anos 1970, o arroz e o trigo são as culturas que mais sentiram os efeitos das reduções de incentivos. Em dezembro de 2007, a Embrapa Agropecuária Oeste anunciava que o custo de produção de arroz na safra 2007/08, nos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, seria 18,8% superior em relação à safra anterior. Entre os itens que mais pesaram na avaliação estavam os fertilizantes, com um aumento de 15,8%, os herbicidas {+ 8,2%) e as sementes (+7,7%).

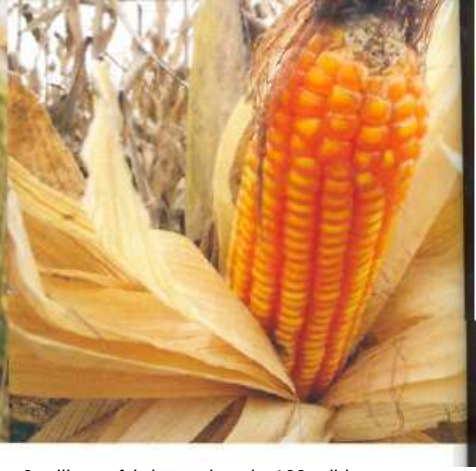
De acordo com uma recente avaliação do superintendente da Conab no Mato Grosso do Sul, Sérgio Rios, nos anos 1970 a maior parte das plantações era de sequeiro, ocupando áreas mais amplas; hoje a cultura perdeu espaço, mas ficou mais tecnificada (cultura irrigada em área de várzeas), o que não evitou a queda da produção. De acordo com dados da Conab, o volume de arroz colhido no estado caiu de 420 mil toneladas na safra 1977/78 para 188 mil toneladas, segundo a previsão para a safra 2007/08. Com a tecnificação, o que evoluiu positivamente foi a produtividade, que há 30 anos era de 563 kg/hectare e agora atinge 5.266 kg/hectare

A situação de desestímulo ao plantio para os rizicultores do Centro-Oeste provocou uma reunião emergencial no dia 12 de maio entre o presidente da Fama-



A área plantada com feijão caiu de 34 mil para 16,9 mil hectares em 30 anos

O trigo, que já a chegou a ocupar uma área de 430 mil hectares, ocupou 32 mil na última safra



O milho safrinha pulou de 100 mil hectares, na década de 1970, para mais de 800 mil hectares, na última safra

sul, Ademar da Silva Júnior; o presidente da Associação dos Produtores de Arroz e Irrigantes (APAI/MS), Roberto Coelho, e a secretária de Estado de Produção eTurismo do MS, Tereza Cristina Corrêa da C. Dias. Na oportunidade, Dias anunciou que serão aplicadas ações de incentivo à retomada da produção de arroz, mas não entrou em detalhes. Apenas admitiu que o trabalho total visa a ampliar em 20% a área plantada com grãos no Mato Grosso do Sul.

Trigo

Há 20 anos, ao se percorrer estradas nas regiões da Grande Dourados e Cone Sul do Mato Grosso do Sul, era comum ver os campos cobertos com o plantio de trigo, grão que, na época, chegou a ocupar quase 430 mil hectares no estado, com uma produção de 559 mil toneladas. Considerada uma cultura de risco e sem urna política bem definida de incentivo nos últimos anos, a área cultivada de trigo caiu para perto de 31,7 mil hectares na última safra, com uma produção de somente 40 mil toneladas.

Outro detalhe que inibe o investimento do agricultor no grão: a considerada baixa aptidão das terras"sul-mato-grossenses em relação a outras regiões do sul do pais. De acordo com a Conab, a produtividade média no MS fica entre 1,4 mil e 1,5 mil quilos por hectare. No Paraná, no entanto, esta produtividade é de 2,2 mil quilos.

Em todo o Brasil, a safra de trigo *é* tímida perto do consumo interno. Na colheita passada, a produção ficou em 3,82 milhões de toneladas de trigo. No entanto, o brasileiro consome 10,25 milhões de toneladas por ano. Isso quer dizer que mais de 60% do que é consumido internamente vem de importações, sobretudo da Argentina. Para agravar o quadro, a relação mundial entre o crescimento da produção e o aumento do consumo de trigo aponta para um déficit produtivo. De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria do Trigo, Abitrigo, o estoque mundial do grão no período 2007/08 é 10% inferior ao período 2006/07.

Diante dessa situação, o governo brasileiro decidiu intervir e anunciou um aumento de 20% no preço mínimo do milho e urna elevação no limite de financiamento. O volume de crédito rural para o custeio da cultura do trigo passa de R$ 300 mil para R$ 400 mil por produtor. A expectativa é de que os reflexos desse incentivo possam ser sentidos já na próxima safra. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, previsões da Conab/MS, segundo seu gerente de Desenvolvimento e Suporte Estratégico, agrônomo Fernando Zeferino, apontam uma elevação na área plantada de 31,7 mil hectares, na safra 2007, para mais de 42 mil hectares, na safra 2008, e uma produção estimada de 64,1 mil toneladas. "O produtor responde sempre aos incentivos", garante Zeferino.

Feijão

A produção de feijão no Mato Grosso do Sul é outro caso de queda, não tão vertiginosa, mas com uma variação intensa ao longo das safras. Em 1978/79, eram 34.3 mil hectares plantados para uma produtividade de l .122 kg por hectare e uma produção total, nos três plantios anuais, de 38.5 mil toneladas. Em 1990/91, atingiu 75.4 mil hectares plantados, mas a produtividade despencou para 782 kg/hectare, o que gerou uma produção de 59 mil toneladas. Na safra 2006/07, a produtividade voltou a subir para 1.238 kg por hectare, mas a área plantada atingiu apenas 21,5 mil hectares, resultando em um total de 26.6 mil toneladas colhidas.

Também no caso do feijão, o fator mercadológico é apontado como o principal responsável pela redução da produção. A avaliação da Conab é de que os preços ruins descapitalizaram os produtores, em boa parte atuando na agricultura familiar, que acabaram migrando para outras culturas, como o milho. O estoque de sementes também caiu e os custos de produção do feijão subiram. Para 2007/08, a estimativa da Conab/MS é ainda pior, com um quadro previsto de apenas 16,9 mil hectares plantados.

Subsídios e logística

Pecuarista e produtor de cana, soja e milho (safrinha), atividades em alta no Mato Grosso do Sul, o vice-presidente da Famasul, Eduardo Riedel, culpa a ausência de subsídios e de uma política agrícola definitiva por parte do governo federal como fatores desestimulantes para o investimento do agricultor na produção de alimentos básicos. "O feijão e o arroz têm mercado instável, e o governo subsidiava essas culturas anteriormente. O homem do campo só vai ser convencido a plantar pelo lado econômico; a vontade de cultivar está no bolso do produtor", declara Riedel.

Nesse sentido, ele enxerga uma luz no fim do túnel com a disposição do governo do Mato Grosso do Sul em subsidiar parte do prêmio do seguro agrícola. "Até então o governo federal já subsidiava 50% do valor, ficando os outros 50% a cargo do agricultor. Agora o governo do MS está disposto a arcar com mais 25%, restando apenas 25% para o produtor. Isso pode gerar uma renda mais estável ", admite.

Mas no caso de seu estado, Riedel avalia que as barreiras na logística também dificultam e desanimam o investimento em culturas cujo mercado é instável. "As estradas melhoraram um pouco, mas nosso transporte é continental. Percorremos distâncias nunca inferiores a 1,2 ou 1,5 mil km do Centro-Oeste até os portos, por exemplo, e isso é caro. Portanto, o ideal para o escoamento de grãos não são estradas de rodagem e sim ferrovias e hidrovias. Mas, para implantá-las, temos de enfrentar o nosso maior entrave burocrático e ideológico: as exigências para o licenciamento ambiental. E vamos ser sinceros: não existe desenvolvimento sem impacto ambiental."

Fonte: Panorama Rural, a. 10, n. 114, p. 42-44, Julho. 2008.